

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

3º BIMESTRE

AUTORIA

MARCIA CRISTINA COELHO

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O texto que você vai é um capítulo de Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift. No livro, são narradas aventuras de um médico que visita países inimagináveis, habitados por reis gananciosos, pessoas interesseiras, fúteis e invejosas, intelectuais desligados dos problemas do povo. O primeiro lugar aonde chega é uma ilha cujos habitantes, os liliputianos, são seres pequeninos de não mais que 15 centímetros de altura. Em seguida, conhece Brobdingnag, terra habitada por gigantes, e Laputa, onde se passa o episódio a seguir. Os últimos destinos são a Terra dos Imortais e, finalmente, o país dos Houyhnhnms, onde quem governa são cavalos inteligentes, seres sinceros e sábios.

Capítulo 9

UMA ILHA QUE VOA

[...]

Foi, então, que zarpei da Inglaterra para mais uma aventura no dia 5 de agosto de 1706.

[...]

A viagem ia muito bem até que, em abril de 1707, quando estávamos quase chegando ao nosso destino, fomos atacados por um navio pirata. Depois de sermos amarrados e saqueados, tivemos de esperar que os piratas decidissem o que iam fazer conosco. Como eu havia discutido com o comandante deles, acabei sendo o mais castigado. Colocaram-me todo amarrado numa canoa e me deixaram no mar à deriva. Disseram que assim eu morreria lentamente.

Confesso que fiquei apavorado quando me vi sozinho no meio do mar, mas, em pouco tempo, consegui soltar as cordas em torno do corpo e descobrir um remo embaixo de uma lona jogada no fundo da canoa. Parecia um milagre que o pior castigo havia se transformado em liberdade, pois, pelo menos, eu estava longe daqueles piratas perversos.

Avistei um arquipélago ao sul e remei uma hora até alcançar a primeira ilha. Lá encontrei alguns ovos de pássaro, que mataram a minha fome, e um pequeno riacho, onde bebi enormes goles de água.

Não encontrei nenhum ser humano, apenas aves, caranguejos e peixes, mas, quando visitava uma outra ilha, vi o céu escurecer de repente. Olhei para o alto e percebi que a sombra era causada por nada mais, nada menos do que uma ilha voadora pairando sobre a minha cabeça.

A ilha tinha a base lisa e brilhante por causa do reflexo da água do mar. Ela desceu quase até pousar sobre a minha ilha e assim pude ver que as pessoas caminhavam de um lado para o outro. Como não queria ficar naquele arquipélago solitário, acenei com as duas mãos, chamando os habitantes daquele lugar:

— Vocês aí têm comida? Podem me ajudar?

Como resposta, recebi uma corrente que desceu com uma pequena cadeira acoplada. Subi nela e fui puxado até a tal ilha voadora.

Chegando lá, percebi que as pessoas eram muito esquisitas. Algumas tinham os olhos constantemente voltados para o céu e a maioria tinha a cabeça virada para a esquerda ou para a direita. Como não consegui me comunicar com elas, resolvi segui-las. Subimos vários degraus e, durante a caminhada, observei que os homens andavam com roupas coloridas, estampadas com figuras de luas, sóis, estrelas e instrumentos musicais.

Em pouco tempo, chegamos ao palácio real. Fui levado à presença do rei, mas ele não reparou quando entramos. Continuou trabalhando sem parar, fazendo contas e anotando números em pedaços de papéis. Depois de quase uma hora, terminou seus cálculos. Um empregado chacoalhou um objeto cheio de sementes perto do ouvido e da boca do soberano. Como se tivesse despertado de um transe, o rei finalmente me viu.

Tentei falar com ele, mas foi impossível. O monarca parecia dormir enquanto eu fazia minhas perguntas para logo depois ser despertado pelo empregado que chacoalhava o balão

perto de seu ouvido. Percebi, então, que todos os homens de olhos e cabeças viradas tinham seus empregados como despertadores.

Fui levado a uma mesa de refeição onde a comida tinha forma geométrica. Devorei carne de porco em forma de triângulos, frangos parecendo losangos, suflês redondos e pão cortado em fatias quadradas, retangulares e pentagonais.

Após o almoço, fui apresentado a um professor que iria me ensinar a língua daquele lugar. Ele também tinha um despertador, que chacoalhava o balão sem parar à medida que ia me explicando os verbos e as palavras essenciais. Assim que consegui formar frases, perguntei por que em Laputa — esse era o nome da ilha — algumas pessoas tinham despertadores.

O professor me explicou que suas mentes viviam constantemente concentradas, ocupadas com coisas mais importantes do que as bobagens do cotidiano.

— Que coisas? — perguntei.

Após um violento chacoalho do empregado, ele respondeu:

— Ocupamo-nos da matemática, da astronomia e da música. Estudamos os planetas, os fenômenos terrestres; calculamos catástrofes e escutamos a música sideral. Por isso, só conseguimos ouvir e falar com a ajuda dos nossos auxiliares, que nos despertam para o dia-a-dia.

Consegui conversar com alguns empregados e trabalhadores braçais, que não precisavam ser despertados. Um deles me disse:

— A vida aqui é muito chata. Todos se preocupam demais com teorias e hipóteses; com o fato de que daqui a milênios o sol vai se apagar, ou que talvez haja uma possibilidade em trinta milhões de o planeta Ângulo colidir com o cometa Hipérbole. Ninguém tem fantasias, imaginação; ninguém se diverte.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. São Paulo: Ridel, 2004.

VOCABULÁRIO

Acoplado: ligado, amarrado.

À deriva: sem rumo.

Pairar: voar lentamente.

Zarpar: partir a bordo de uma embarcação.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

O protagonista dos romances costuma ter certos atributos que o ajudam em suas aventuras. No trecho lido, não há descrição de Gulliver, mas suas atitudes e falas ajudam a caracterizá-lo psicologicamente. Que qualidades ele demonstrou ter?

Habilidade trabalhada

Identificar e diferenciar características físicas e psicológicas dos personagens.

Resposta comentada

Espera-se que o aluno perceba que o protagonista Gulliver, através de suas atitudes, demonstra possuir coragem, espírito de aventura, curiosidade, senso crítico, habilidade para enfrentar situações estranhas, enfim todas as características de um herói.

QUESTÃO 2

Refleta sobre o narrador e o foco narrativo nesse episódio do romance.

- a) Quem narra a história?
- b) Ele narra utilizando primeira ou terceira pessoa?
- c) O narrador conta apenas o que observa ou é narrador-personagem, ou seja, participa dos fatos narrados?

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada

O aluno deverá ser capaz de inferir que a história é narrada pela personagem Gulliver (letra **A**). Deverá perceber também, que ela é narrada em primeira pessoa (letra **B**) e que o narrador participa dos fatos, portanto, trata-se de um narrador-personagem (letra **C**).

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

Leia o trecho seguinte transcrito do texto Gerador I e identifique o tipo de relação que a conjunção destacada estabelece entre as orações ligadas por ela:

*“A viagem ia muito bem até que, em abril de 1707, **quando** estávamos quase chegando ao nosso destino, fomos atacados por um navio pirata.”*

- a) Comparação
- b) Condição
- c) Causa
- d) Finalidade
- e) Tempo

Habilidade trabalhada

Relacionar o uso de conjunções subordinativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

Resposta comentada

O aluno deverá inferir que a presença da conjunção destacada “*quando*”, presente no início da oração “*quando estávamos quase chegando ao nosso destino*”, torna essa oração um índice de circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre. Portanto, o aluno deverá apontar a letra **E** como resposta correta.

TEXTO GERADOR II

O texto seguinte narra o passeio de Gulliver pelo reino de Laputa:

Capítulo 10

O FUNCIONAMENTO DE LAPUTA

Fiquei curioso para saber mais coisas sobre a ilha e comecei a fazer diversas perguntas ao meu professor, à medida que o tempo ia passando. No dia em que percebi que estávamos sobrevoando outras ilhas, perguntei a ele:

— *Onde estamos?*

— *Estamos indo para Lagado, a metrópole do reino. Ela fica no continente, mas antes precisamos visitar alguns vilarejos. É preciso que o rei saiba como andam as coisas por esses lugares* — respondeu.

— *Nós vamos aterrissar em cada um deles?* — perguntei.

— *Não, jogamos cordas e as pessoas amarram bilhetes nelas com seus pedidos* — explicou-me.

— *E o rei nunca desce até as ilhas pessoalmente?*

— *Não, para isso ele tem ministros que o informam de qualquer problema.*

— *Que tipo de problema?*

— Ora, guerras, rebeliões, sonegação de impostos, essas coisas.

— Então Laputa pode enviar um exército para resolver as rebeliões.

— Não precisamos de exército — explicou o professor. — Quando há alguma guerra, sobrevoamos a ilha rebelada até que o povo fique dias sem a luz do sol e sem a chuva. Isso causa doenças, falta de comida, e, então, os revoltosos se acalmam.

Fiquei espantado com tudo isso e calei-me.

[...]

Quando chegamos em Lagado, fiquei impressionado com a miséria do povo. As pessoas eram magras, andavam com roupas esfarrapadas e não tinham o que comer. Novamente, indaguei meu professor:

— Por que a pobreza é tão grande em Lagado?

— Essa é uma longa história — começou. — A metrópole já foi muito próspera. Tínhamos campos verdinhos, plantações e boas condições de vida.

— O que houve, então?

— Uma vez, umas pessoas daqui resolveram conhecer Laputa. Quando retornaram, trouxeram ideias errôneas sobre a nossa matemática e fundaram a Academia de Projetos. Agora, passam o tempo pesquisando e discutindo planos para a agricultura, moradia, linguagem etc. Como nenhum plano foi aprovado até agora, o povo vive em miséria.

Fomos até a Academia, pois eu queria ver do que tratavam os projetos. Não acreditei no que vi. As pessoas estavam há anos pesquisando uma maneira de arar a terra sem gado, mão-de-obra ou arado. Experimentalmente, enterravam comida e em seguida soltavam cerca de seiscentos porcos no local. Como eles escarafunchavam a terra atrás do alimento, o solo ficava pronto para ser semeado. O projeto acabava sendo mais caro, mas os pesquisadores não desistiam dos estudos.

Na área da arquitetura, havia um profissional que queria construir casas como os insetos, começando pelo teto. Um linguista desejava abolir os verbos, pois, segundo ele, as coisas reais eram substantivos. Outro mais ousado queria abolir a própria língua. Quando indaguei-o do porquê dessa ideia, ele me explicou:

— Cada palavra que dizemos corrói os nossos pulmões. Para que duas pessoas tenham uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema.

Aquelas loucuras acadêmicas todas me deixaram um pouco angustiado. Como um povo inteiro poderia passar fome e frio em função de pesquisas inúteis que já duravam anos? Por que não usar os métodos antigos de aragem, construção, comunicação, que tinham a sua eficiência já comprovada? Como as pessoas de Lagado e Laputa não se importavam muito com a minha presença, pois estavam sempre com as mentes muito ocupadas, resolvi pensar no meu retorno à Inglaterra.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. São Paulo: Ridel, 2004.

VOCABULÁRIO

Emancipado: livre, liberto.

Escarafunchar: procurar, revirar.

Sonegar: deixar de pagar.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 4

Você já sabe que o enredo, em uma narrativa, é composto basicamente por quatro partes:

Situação Inicial	Complicação (conflito)	Clímax	Desfecho
Apresentação da situação.	Surge um conflito: algo modifica a situação inicial, muda o rumo da vida da personagem e desencadeia uma série de ações.	Ponto de tensão máxima.	A complicação é solucionada.

Indique a que parte do enredo corresponde cada parágrafo do resumo dos capítulos lidos de Viagens de Gulliver:

- a) Situação inicial
- b) Complicação
- c) Clímax
- d) Desfecho

() As loucuras que presencia deixam Gulliver angustiado, e ele decide continuar procurando meios de voltar a sua terra natal.

() Gulliver zarpa da Inglaterra em 1706 e, quase até chegarem a seu destino transcorre tranquila.

() Ele consegue se livrar das cordas e rema até uma ilha, em busca de água e comida. Na ilha voadora ele encontra pessoas esquisitas, que se vestem e agem de forma estranha e falam em uma língua incompreensível. Um professor é encarregado de ensinar a língua a Gulliver, mostrar-lhe o reino e explicar como as coisas acontecem nesse estranho lugar.

() O navio é atacado por piratas, Gulliver é amarrado e colocado em uma canoa para morrer lentamente.

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta comentada

O aluno deverá ser capaz de inferir que a situação inicial ocorre quando Gulliver zarpa da Inglaterra. A complicação acontece quando o navio de Gulliver é atacado por piratas. O clímax se dá quando Gulliver consegue se soltar das cordas e nadar até uma ilha onde presencia coisas absurdas. E o desfecho ocorre quando decide continuar procurando meios de voltar a sua terra natal. A sequência correta de respostas, então, será **D, A, C e B**.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

Observe o trecho seguinte:

“Para que duas pessoas tenham uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema.”

Reconheça a ideia expressa pela conjunção “*para que*” e aponte a alternativa que apresenta a reescrita do trecho acima sem que haja nenhuma alteração no sentido original:

- a) É preciso que carreguem apenas os objetos necessários para um determinado tema, quando duas pessoas vão ter uma conversa.
- b) Se duas pessoas vão ter uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema.
- c) A fim de que duas pessoas tenham uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema.

- d) À medida que duas pessoas têm uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema.
- e) É preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema, de forma que duas pessoas tenham uma conversa.

Habilidade trabalhada

Relacionar o uso de conjunções subordinativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

Resposta comentada

Ao resolver a atividade proposta, o aluno deverá procurar um conector que expresse a ideia de finalidade ou objetivo, que é o conceito expresso pela conjunção “*para que*”. Para isso, deverá analisar que na alternativa (A) a ideia expressa pelo conector “*quando*” é de tempo; na alternativa (B) a conjunção “*se*” expressa uma ideia de condição; já na alternativa (D) temos encerrada pela conjunção “*à medida que*” a ideia de proporção; e na alternativa (E) a conjunção “*de forma que*” confere sentido de consequência. Portanto, o aluno deverá inferir que a alternativa (C) deverá ser assinalada, pois é a única que apresenta uma ideia de finalidade, expressa pela conjunção “*a fim de que*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGATTO, Ana Maria Triconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHESI, Verá Lúcia de Carvalho. **Projeto Teláris: Português**. São Paulo: Ática, 2012. 9º ano p. 85-86.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. **Português: Linguagens, 9º Ano**. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 79-87.

DELTAMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. Jornadas.port – **Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2012. 8º ano. p. 124-138.